

Índice

Prefácio — Vertigem	7
---------------------	---

Strindberg — Neste Mundo Fui apenas Um Convidado

Introdução — Agora sobre a Minha Figura	15
Mais	18
A Minha Apresentação	21
Uma Noite de Janeiro, ou Uma Madrugada, talvez a Manhã	25
Como ainda Estou na Fase de Apresentação das Minhas Actividades	31
A Hora Verde	33
Sou o Maior, o Melhor Escritor Sueco	37
As Coisas Que Eu Vejo	41
O Homem com Um só Olho (Em Paris)	43
Siri von Essen	49
A Lua Ausente	55
A Maldição de Siri	63
Kymmendö	66
Os Gritos Estridentes das Gaivotas	70
Europa, finalmente	74
Decisões	80
Paris — A Primeira Vez	83
Poemas, Escrevo o Que Me Apetece Escrever	85
Já no Futuro	88
Com e sem as Mulheres	90
O Céu Sinistro ou O Senhor É Um Cão Cobarde, Um Cão Raivoso	95
O Tamanho do Meu Pénis, a Sua Consistência, a Sua Competência	98

Afastamento	102
Os Dias da Loucura	108
Os Miasmas de Montparnasse	111
No Hotel ou no Café, tanto Faz	116
Com Paul Gauguin, a Desgraça	117
O Medo Mata	120
Vivo como Um Morto	124
Irmãos Gémeos?	126
O Encontro Que nunca Aconteceu com Selma Lagerlöf	129
Paixão	132
A Origem do Pecado	135
Intervalo	138
Uppsala	141
A Minha Vida depois de Uppsala — Década dos Vinte aos Trinta	145
O Milagre	148
Piso o Pó do Parque com os Pés	149
O Salão Vermelho	151
Também Pinto Quadros, além de Muitas Outras Actividades Que Me Interessam, Fascinam e Preocupam	154
A Minha Infância	157
Recordando... (Um Intervalo)	164
Mais Um Intervalo Confessional	168
Como Conheci Frida Uhl?	172
As Odiadas Amas-de-Leite	178
Desabafo	180
<i>Wunderkamera</i> — Auto-Retratos	182
Os Mapas Celestiais: Fotografias e Mapas do Céu Foram, durante Um Tempo Largo, a Minha Paixão	185
O Fabricante de Mistérios	188
Regresso	191
O Meu Teatro Íntimo	196
Reflexões	198
Alucinação ou Uma Noite na Véspera de Natal	201
Indecisões	205
As Mulheres São Mentirosas, tal como os Homens	212
Como Conheci Harriet Bosse e Cheguei a Casar com Ela	214
O Meu <i>Diário Oculto</i>	223
A Torre Azul	225
«Caio Doente por Volta das Duas da Tarde»	231

Estou muito Esquecido...	233
Os Meus Passeios, os Últimos Passeios	236
Descrição do Meu Silêncio	238
Manifestação	241
No Dia em Que Fui Sepultado	243
Final	247
Agradecimentos	251
Obras Consultadas e Lidas para a Escrita deste Livro	253

Introdução — Agora sobre a Minha Figura

*Eu não desejava a vitória,
mas a batalha.*

Sei que a descrição do meu aspecto físico pouco interessa. As pessoas querem a arte, desejam a arte, respiram à custa da arte.

Arte? Eu sou a arte...

Mas vou descrever-me. Num romance biográfico como este, que não respeita nenhuma regra ordenada nem cronológica, nada, cabe uma breve descrição do meu aspecto físico.

Tenho perto de um metro e setenta centímetros. Nem alto, nem baixo, portanto.

A pele é branca, azulada de tão branca, e os meus olhos são azuis, esbranquiçados às vezes, de tão azuis. Não tenho uma única fotografia a rir ou a sorrir. Estranho. Não sou triste nem ma-cambúzio, mas o meu rosto desenha o retrato do verdadeiro incómodo da alma, um suspiro retardado, uma apreensão sempre presente. Qualquer coisa, sensação, visões enlouquecidas, não sei definir. De qualquer forma, transtorna-me um simples sinal exterior de felicidade, se é que alguma vez tive essa sensação, a da felicidade.

Realmente, e observando fotografias de outras pessoas, não vejo ninguém a sorrir. Rir, jamais! Mas sorrir, uma expressão

tão fácil... não é uma expressão espontânea, a pessoa tem de querer sorrir — isso nunca se vê nem nas fotografias, nem nas pinturas figurativas da minha época. Devia até ser interessante saber porquê.

Não sou magro e também não sou gordo. Ando muito a pé e isso facilita-me este estado físico. Todos os dias tenho o hábito de sair de casa pelas sete da manhã, de sair de todas as casas onde vivi e foram mais de vinte. Deambulo pela cidade uns quantos quilómetros, semiacordado ou semiadormecido, ou caminho ao longo dos lagos, ou ao longo dos rios, ou pelos caminhos, ou subo ou desço sem esforço e nada, nada nesta vida me faz parar enquanto caminho. Nunca deixei de sair. Passeei pela minha cidade até às vésperas da morte.

Visto-me conforme posso. Conforme tenho dinheiro para comprar roupa. Tenho casacos compridos com muitos anos de uso. A roupa branca, a chamada roupa interior, lava-se poucas vezes, tal como o corpo que a usa.

O melhor é nem falar sobre as minhas botas. Não uso sapatos.

Voltando ao aspecto físico, o que ressalta em mim são os olhos e, à medida que o tempo foi passando, as olheiras impuseram-se em todo o meu rosto. Sou só olheiras, umas vezes cinzentas, outras esverdeadas, cavadas, uma referência marcante e muito atraente. Eu sei que atraem. Tenho estas olheiras por causa do álcool. Quando era muito novo não as tinha, mas os anos marcaram-me muito. De qualquer forma, costumo atrair olhares. E eu gosto. Quando as mulheres olham para mim, fixo-as, e o meu olhar pode conter todas as insinuações possíveis. Elas gostam. Alguns homens também gostam.

Uso bigode. Na juventude, não usava. A partir de certa altura comecei a deixar crescer os pêlos. Desenhei, ao longo da vida, vários tipos de bigode, finos de pontas reviradas, certos e rectos a acompanhar o lábio ou alvoroçados, sem destinos alinhados.

Agora, com a ventania do tempo a rasar-me, a abalar-me o corpo, estremeço. Mudo todos os dias. O meu belo cabelo, tão louro e denso, está quase todo branco e muito mais ralo. Tenho

saudades de mim próprio e este sentimento é diário e avassalador. Levanto-me, lavo a cara na bacia ali ao fundo do quarto, ressuscito às seis da manhã, todos os dias. Essa água gelada da bacia faz acordar um morto. Olho-me, então, no espelhito pendurado na parede em frente e estremeço. Estremeço.

Sinto o fim a aproximar-se, vejo-o, toco-o. Sinto-me. Por exemplo, os dedos das mãos estão diferentes, estão ossudos. Se bater com os dedos numa superfície dura, tenho uma dor fortíssima, são os ossos desencontrados, fora do sítio, os ossos inchados, espetados na pele das mãos. Impressionante! O médico que às vezes me visita diz, para me sossegar, que é mesmo assim, os velhos costumam ter os dedos ossudos, isso até é bom sinal...

Essa gente não está boa da cabeça.

E a minha cabeça ainda está bem boa, isso eu sei. Toda a gente sabe. Gosto de a proteger com chapéus, uns chapéus altos que me conferem um ar ridículo. Umas boinas, ainda vá lá... também as uso quando o tempo aquece, lá para Abril.

Descrevi o meu aspecto físico.

Segue-se, agora, ao longo deste livro, o meu aspecto mental.

Não me odeiem.

Já morri.

Mais

Uma breve informação sobre a razão de ser deste livro, algum ar da vida de Johan August Strindberg, que nasceu em 1849 e morreu em 1912.

Preencho assim o meu desejo de apresentar ao público leitor os diferentes e complexos caminhos de algumas vidas extraordinárias.

Apresentei, em 2018, a minha visão sobre a escritora Selma Lagerlöf, a primeira mulher a ganhar o Prémio Nobel de Literatura, em 1909, e escrevi também, em 2019, alguns pormenores do percurso de vida de Ingmar Bergman. Tendo em conta que espíritos e almas são «coisas» que, no tempo de vida das pessoas, tiveram ou têm tanta importância como um fígado, como os dez dedos das mãos, ou como os olhos, por exemplo, quis referir alguns espíritos que conheço, tão peculiares. Procurei por essas vidas, conheci alguns dos seus lugares, sorvi aqueles ares, comi as mesmas comidas. Dei os meus passos por cima dos seus passos, tenho essa certeza. Viajei o necessário para os encontrar.

E encontrei-os.

Gostava de deixar claro que nenhum destes romances biográficos teve a pretensão de evidenciar, enumerar, pormenorizar absolutamente nada em relação às obras que todos desenvolveram. Quero dizer, este livro, tal como outros romances biográficos que já escrevi, não é um repositório de pormenores de tudo o

que o artista biografado produziu. Pretendo, apenas, aflorar o percurso e as singularidades da sua vida sem entrar em detalhes da respectiva actividade artística, como, por exemplo, enumerar todas as obras que escreveu ou todos os quadros que pintou, ou todas as fotografias que tirou, ou todas as experiências que fez. O meu propósito é explorar recantos mais ou menos iluminados, revelar aos leitores situações inusitadas, aquelas sobre as quais, geralmente, nunca se fala: como, quando, em que idade, onde morou, onde estudou, o que realizou e ainda todos os absurdos que compõem a vida desta pessoa, no caso presente, de August Strindberg.

Ficou conhecido como o Shakespeare sueco. Muita gente saberá que foi um escritor prolífico, um fotógrafo excepcional, ainda hoje considerado um mestre da fotografia? Um grande e aplaudido pintor? Um alquimista? Um historiador, investigador de arte, um jornalista? Provavelmente, não. Strindberg é conhecido, na verdade, como dramaturgo. E, ainda na literatura, as suas incursões no romance e na poesia foram igualmente intensas e proveitosas.

É sobre este homem invulgar, ser de mistério, extraordinariamente atraente em variadíssimos aspectos, que quis falar-vos. Desejei dar a conhecer ao público leitor toda a imensa e incompreensível capacidade de mais um ser que um dia nasceu, viveu, morreu e deixou sementes no planeta Terra.

Falarei na primeira pessoa, como se fosse ele a relatar a própria vida. Tenho seguido este impulso em todos os romances biográficos que já escrevi. Sinto-me bem, assim deste modo. Aliás, escrevi como me apeteceu escrever. Uma vez invocando-lhe a figura e a mente, fazendo de mim sua interlocutora, a tratá-lo por tu, ou a ser ele e não eu. Outras vezes, mais distanciada, como se fosse uma analista, uma historiadora de vidas.

Escrevo como sinto cada descrição, cada desenho da personalidade que pretendi descrever. Não para obedecer a nenhuma regra específica. Não para obedecer a normas literárias. Este é um romance construído com factos biográficos desta personagem.

O meu desejo é ser compreendida e que todos entendam, cada um a seu modo, que o meu amor, hoje por Strindberg, ontem sobre outro alguém, amanhã sobre outra pessoa qualquer, não tem limites. Só assim é possível.

Assim encontro o meu melhor sentimento sobre quem escrevo. O melhor que consigo e tenho para oferecer.

Liberdade!

Portanto, ou sou eu a falar, ou é o próprio. E na mesma frase, no mesmo parágrafo, as duas situações podem ocorrer. Porque eu sou ele e sou eu própria, também.

Também refiro não ter obedecido, cronologicamente, a factos. Não! Não comecei pelo seu nascimento e terminei na sua morte. Quem vier a ler este livro compreenderá porquê. Mas posso desde já acrescentar: a vida de uma pessoa escrita em livro, ou em papéis, ou seja onde for, pode não obedecer a normas e leis cronológicas. Para quem escreve, isso seria uma enorme limitação e uma forte vulgaridade.

E a vida das pessoas não tem uma sequência lógica.

Às vezes tem. Mas tendo, não será interessante.

Ainda que esta seja uma narrativa bastante desorganizada — tal como a pessoa biografada —, todos irão entender, perfeitamente, como e quando tudo se passou.

Assim, espero que possam apreciar — podendo gostar ou não gostar — uma vida tão incrível como eu a apreciei e amei. Haverá sempre quem o deteste e despreze.

A ele e a mim.

É normal.